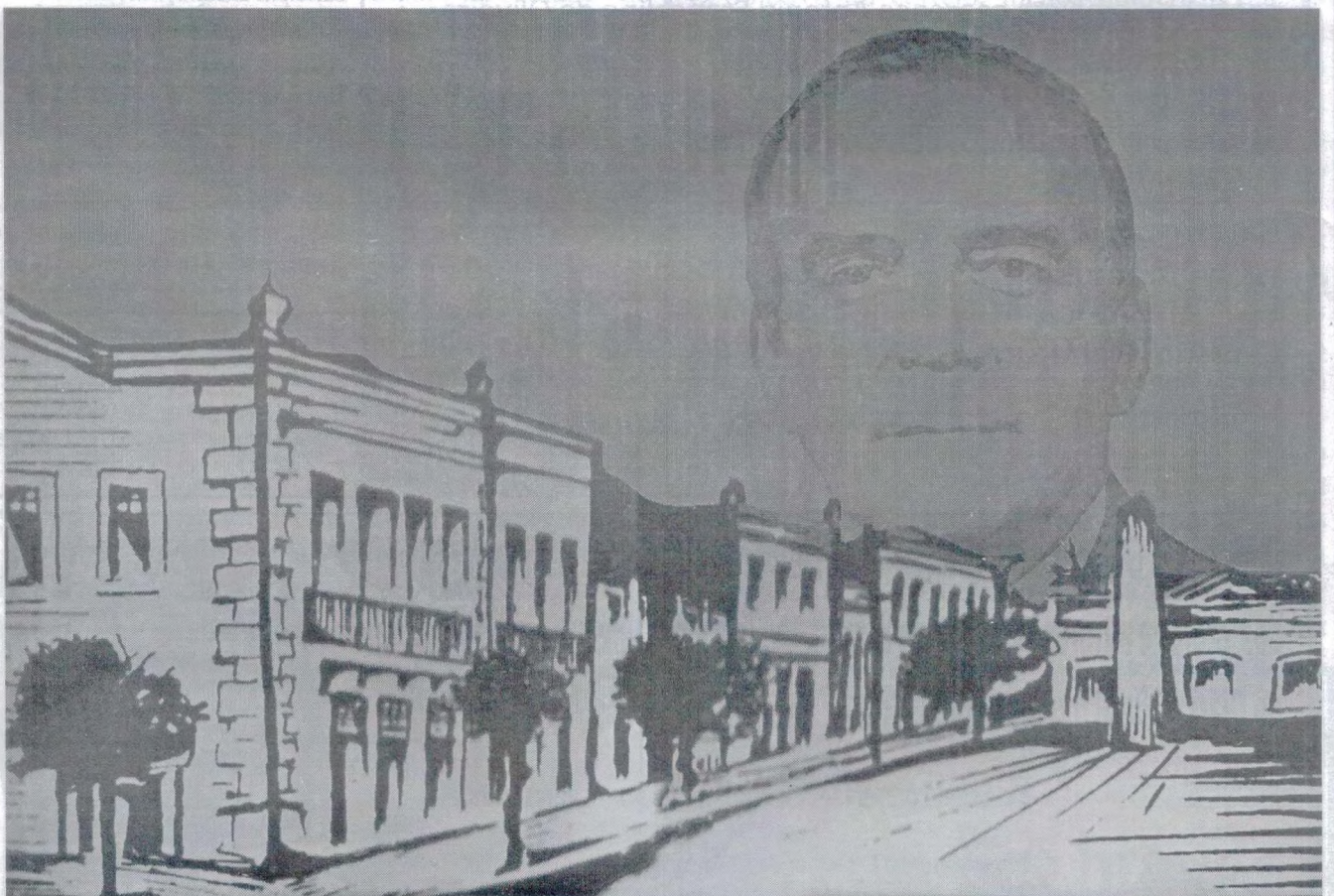


O Rio Grande

ANO I - NÚMERO 6 - NATAL-RN - AGOSTO/ SETEMBRO 2010 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**RELATO SOBRE VALÉRIO, QUE FOI ARBUSTO E ÁRVORE,
E SOBRE MACAÍBA, QUE SERÁ VALERIANA**



*O Tejo é mais belo que o rio que corre para minha aldeia;
mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre para minha aldeia.
Porque o Tejo não é o rio que corre para minha aldeia.*

(Fernando Pessoa)

"Se queres ser universal começa por pintar a tua aldeia"

(Tolstoi)

Editorial

Este sexto número do jornal O Rio Grande, vem com novos artigos.

Um artigo do advogado e escritor Pedro Simões, sobre o perfil do amigo advogado, político e escritor Valério Mesquita.

Uma apresentação da poeta Jânia de Sousa, sobre o livro *Asas da Inspiração, Asas da Criação*, juntamente com três poemas publicados do escritor, poeta e advogado Francisco de Paula Pinto. Uma resenha do livro "Sua majestade, o Camelô". Uma biografia romanceada, do escritor Aluísio Rodrigues, assinado pelo jornalista, escritor e poeta Anchieta Fernandes. Com uma apresentação do livro *Catingueira - Leguminosa Cesalpinácea* de autoria do contista e cronista cearense Antonio Francelino de Oliveira, apresentado por Dr. Gerardo Sérgio. Divulgação do banco de imagens do Rio Grande do Norte, pela Comporta Assessoria de Imprensa, através do nosso editor e fotógrafo Adrovando Claro e uma crônica de Newton Navarro sobre o violonista Genaro - assim ele o chamava carinhosamente.

Leiam e apreciem o novo número 06 (Julho/Agosto) de **O Rio Grande**,

Carlos Frederico de O. Lucas da Câmara

O Rio Grande Expediente

Diretor

Carlos Frederico de O. Lucas da Câmara

Editor

Adrovando Claro de Oliveira (DRT/RN - 00531 RF)

Programação visual

Maiquel Rocha

Programação visual da arte do jornal Nós do RN

Walmir Bezerra

Revisão:

Carlos Frederico de Oliveira Lucas da Câmara.

Fotos do Jornal: Jaeci Emerenciano (acervo da família Lucas).

Colaboradores:

Adrovando Claro, Anchieta Fernandes, Pedro Simões, Jânia de Souza, Gerardo Sérgio e Walter Canuto

Impressão

Departamento Estadual de Imprensa (DEI)

Os textos publicados neste jornal são de inteira responsabilidade dos autores.

A Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, contribuindo com a divulgação dos atores e autores culturais do Estado, publica mensalmente encartado no Diário Oficial o suplemento cultural *Nós do RN*.

É o Estado preservando e resgatando seus valores culturais

Departamento Estadual de Imprensa

Av. Câmara Cascudo, 355 - Ribeira - fone (84) 3232 6780 - 3232 6795 - Natal - RN



COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ

74 Anos

Aqui o futuro é presente

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN

Fone: (84) 3211.4220

RELATO SOBRE VALÉRIO, QUE FOI ARBUSTO E ÁRVORE, E SOBRE MACAÍBA, QUE SERÁ VALERIANA

Por Pedro Simões

Veio-me a palavra: Macaibística. E as associações de idéias (ou rimas?) – probabilística, infortunística, logística – tantas, que formariam um cortejo maior que o beija-mão das autoridades civis e eclesiásticas. Talvez a expressão Macaibística indique a ciência, o estudo, os fundamentos, o conjunto de conhecimentos que caracterizem e definam a raiz “Macaíba”.

Descubro que a palavra Macaíba, designa uma palmácea espinhosa, que produz um fruto carnudo, e que é encontrada em todo o território brasileiro, chegando até à América Central.

Satisfaço-me com a explicação, mas abandono, temporariamente, a alta, esguia e exuberante palmeira, para pesquisar as suas conseqüências toponímicas, pois quero tratar da cidade de Macaíba, antes conhecida como Coité, este, um arbusto que também produz frutos

Cogito que a cidade tanto cresceu que o arbusto tornou-se insuficiente para descrevê-la, e então a vila se converteu em árvore, altaneira, rija e pujante graças ao empreendedor Fabrício Gomes Pedrosa que entendeu a metáfora e propôs a mudança.

Sempre que vou à Quinta dos Pirlampos o meu paraíso incrustado em Tabatinga, no território macaibense, escolho o trajeto da BR por comodidade. Não que a estrada esteja em condições trafegáveis, mas é asfaltada, circunstância que nos transmite uma impressão de segurança e conforto. De fato, aqui para nós, apesar de todos os perigos, sinto-me tentado a ir pela estrada que segue pela ponte das lavadeiras, enfrentar a curva da morte, o Peixe-Boi, pelos Guarapes, até chegar na Mangabeira, para evocar meu tempo de menino dos

anos cinqüenta.

Entre o incerto e o duvidoso, optei por uma terceira via, inusitada, alguns até entenderão como despropositada, mas vocês perceberão o porquê dessa reviravolta.

Rumo para Macaíba numa jangada que aluguei em Muriú. Chegando na boca da barra, tomei o rumo das cabeceiras do Potengi pelas quebradas do Jundiá. Aporto no velho cais, onde já me aguardavam alguns amigos, e me dirijo às Cinco Bocas, na companhia desses tais, Fabrício Pedrosa, Severo, Alberto Maranhão, Auta de Souza, Tavares de Lira, Otacílio Alecrim, Henrique Castriciano, Olímpio Jorge Maciel e o velho alcaide pessedista Alfredo Mesquita Filho.

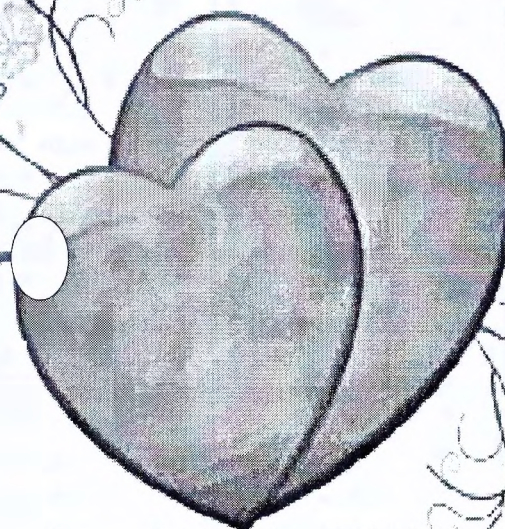
O objetivo do cortejo, menos numeroso que as possibilidades das palavras rimosas que invoquei no início do texto, era estabelecer os fundamentos da cidade, a sua geografia sentimental, o futuro e, porque não, sacudir um pouco da poeira dos antanhos para acarinhar e acender o lume do coração macaibense.

Fui moderador da reunião. Ouvi atentamente todos os ilustres participantes, cada qual se superando nas loas e elegias à cidade-árvore, e, concluídas as intervenções, convidei o velho líder Mesquita para assumir o meu lugar para, mesmo sendo forasteiro do Ceará-Mirim, apresentar uma proposição.

Perguntei se algum deles já havia lido “Trilogia do Cotidiano”, “Pisa na Fulô”, ou “Macaíba de seu Mesquita”, do jovem Valério Mesquita. O velho Alfredo, entre a satisfação e o orgulho, levantou a mão. Auta de Souza o secundou, confessando haver realizado uma leitura astralina dessa obra e fez



Marque um encontro
no BellaNatal



Em breve
novas
instalações

Shopping Cidade Jardim, 3217 4704 - www.bellanatal.com.br

questão de registrar a gratidão pela solidariedade do autor quando demoliram a sua casa.

Atrevi-me e pedi licença para algumas considerações.

Esclareci que nesses e em outros livros, o macaibense sempre macaibense Valério, ofertava-se à sua terra, arrancando-a de um anonimato ruinoso e decadente, para exibi-la viva, vibrante, original, como desagrasse uma falsa imagem que se tem de alguém colhido pela velhice, testemunhando, através de uma velha foto, a fisionomia real e imorredoura que ainda pode ser distinta se comparada aos sinais contemporâneos.

Um procedimento mágico e simples em que o investigador, movido pela imaginação e pelo amor, vai afastando as rugas, a calvície, os olhos vazios e a boca quase vazia de dentes que compõem o molde real e então como que captura os sinais de vitalidade da perda juventude escondidos pelo tempo. Que de fato nos apresenta uma ilusão de ótica.

São relatos bem humorados que não alcançam o desrespeito nem a gozação, mas que revelam um espírito desarmado e feliz que confraterniza o humanismo dos seus quase-personagens. É uma declaração de amor e de saudade, um preito ao seu tempo de aprendizado da vida em que foi iniciado por mestres e mestras tão experientes e tão plenos de amor à existência.

Em seguida, Olímpio Maciel também manifestou o conhecimento e o reconhecimento do valor do seu conterrâneo em favor da pátria aldeada.

Otacílio Alecrim estava desolado. Não, não o conhecia, mas tivera conhecimento do seu empenho pessoal para reeditar as suas obras. Fabrício, o dinamo macaibense, estaria comprometido com outras fundações. Augusto lamentou a falta de tempo, envolvido nas suas aventuras aéreas. Alberto Maranhão alegou o seu envolvimento com as questões políticas e Castriciano com alguns projetos educacionais.

Prossigui.

- Tenho uma proposta para a qual peço a atenção e a devida consideração de Vosmecês. Que Valério seja declarado "Benemérito de Macaíba", com a chancela desse seleto grupo de ilustres macaibenses, que, por todos os títulos, são os expoentes da cidade, aqueles que lhe deram apromo e norteio.

Auta de Souza e Olímpio Maciel passaram a relatar as iniciativas do homenageado em favor de Macaíba e, depois dos relatórios, li alguns trechos da "Trilogia", exatamente aqueles que mais diretamente expressavam o amor incondicional e irrestrito do jovem macaibense à sua terra, as suas preocupações e temores, as suas indignações e as suas esperanças.

A moção foi aprovada por unanimidade e eu,

apenas um escrevinhador-cambiteiro do alagadiço da terra dos canaviais, fui encarregado de lavar o relatório com as conclusões da reunião, missão que aceitei com prazer, advertindo, todavia, os participantes, que o faria do meu jeito, sem protocolo, pompa ou circunstância como sói acontecer com as almas alforriadas da escravidão dos paletós e gravatas, dos entretantos e considerandos.

Alfredo Mesquita me abraçou com muita efusão e me disse para transmitir ao filho o orgulho e o amor de um pai estremecido pela saudade e pela gratidão. Que perseverasse, porque Macaíba era maior que qualquer querela, circunstância ou reparo. Que se lembrasse quantas vezes, ele, o pai, com uma espinha entalada na garganta, tivera que degluti-la a seco, a troco da paz familiar ou do interesse de sua cidade.

Disse-lhe, em resposta, que o seu filho era agora Conselheiro do Tribunal de Contas e havia-se retirado da arena da política partidária militante, conformando-se na trincheira do jornalismo. O velho ficou pensativo, mas não demonstrou, na sua expressão, qualquer ricto que pudesse ser objeto de interpretação. Não ousou avaliar o seu silêncio, até para concordar com as minhas aulas de direito quando dizia aos alunos que o ditado "quem cala consente" é um engodo jurídico. De fato, quem cala, não diz nada.

Com passos firmes, acompanhou-me até o Cais, olhou em grande angular a sua terra querida e desapareceu numa neblina sabendo a fios de prata.

Passo ao meu relatório.

E começo dizendo que Valério é uma instituição. Ultrapassou o limite do individual e do coletivo. Instituiu-se. Plantou-se e enraizou-se duplamente macaíba, árvore e cidade e triplamente folha, fruto e flor nas variações do Coité, da Macaíba e no advento da Valeriana.

Ninguém o excede no amor à sua terra, nem mesmo Jorge Fernandes, o Drummond de Itabira, ou Mauro Mota e Capiba do Recife. Talvez o iguale o Mestre Cascudo. Eu disse talvez, porque o meu guru universalizou-se, não tem mais eira nem beira, é de domínio público. Nilo e Edgar, cidadãos beneméritos do meu amado Ceará-Mirim, guardaram um amor telúrico, emotivo, mas construído à distância, nos ontens da infância, pelas veredas da saudade.

Em direção oposta, o meu colega-amigo de infância do Marista, Valério Mesquita, fundeu-se nas ribeiras do Jundiá e aí deixou que a sua âncora se incrustasse no leito do rio, irreversível, inamovível, definitivamente presa, sem direito a alvará de soltura ou possibilidade de habeas corpus, porque o paciente não pretende se libertar. Ao contrário, mais e mais se enreda nas teias da doce e caprichosa prisão patrocinada pela amada.

A diferença entre este macaibense e outros amantes de suas respectivas aldeias é mais visível quando se constata que Valério viveu toda a sua vida na sua cidade. Aqui e ali, permitindo-se a certas licenciosidades com a vizinha Natal, mas fidelizado à sua terra. Conviveu com o seu povo, sentiu o cheiro da cidade, encheu os olhos do seu casario, participou do trivial e do cotidiano, foi bem-amado e mal-amado, sorriu, chorou, foi amamentado e desleitado.

Valério é parte de Macaíba, não um seu destaque, como as ilustres personalidades aldeãs famosas e arribadas que, tal como o pássaro do Baghavad Gita, mergulham e não molham a plumagem. Ao invés, ele se envolve, participa, briga, realiza, pacífica, frustra-se com os pleitos desatendidos, vibra com as realizações. Respira Macaíba. E mergulha por inteiro no Jundiá, molhando toda a penugem.

Estica as pernas e vai às ruas do Pernambuquinho, do Comércio, Dr. Pedro Velho, da Cruz, do Umarizeiro, do Gango...Abre os braços e recebe a criança apadrinhada, o abraço do esmoler satisfeito, a noiva para entrega ao consorte, o capão para o almoço, a cuia de feijão verde, o abaixo assinado, a carta anônima difamatória, o escapulário, as rezas das novenas, o retrato da padroeira, o caçua de manga, a cesta de cajus, a "lapada" de cana de um Zé qualquer, muito importante.

Abre os olhos e se depara com o sol mais ensolarado das manhãs nascentes de verão, com os luars sonsos e acolhedores à beira do rio ou sob o abrigo da ponte devassa, a policromia de uma cidade que vive constantemente luminescente fletindo-se sobre a paisagem. Descobre a diferença entre ver e enxergar, num, os olhos fotografam apenas, noutro, as retinas comunicam à memória a necessidade de registro para toda a vida e ao coração, o prazer da beleza.

Macaíba é o seu rosário, o seu lençol de cheiro, a água de beber da quartinha amanhecida, a pátria natural e afetiva, o seu chão, leste e oeste, horizonte e infinito. Ponto de fuga. Sonho e pesadelo. Vá lá! Que seja um lugar comum, mas é verdade verdadeira: seu oxigênio. Tanto que, afastado do cotidiano de Macaíba, o ar fica rarefeito e Valério ressentido de mil e uma patologias das vias aéreas. Então, embarca no Pax de Augusto ou na luz mística de Auta e sobrevoa a cidade, sobrevivendo a cura. Macaíba é seu xarope, bálsamo e vitamina.

E tanto amor não distingue macaibenses e macaibeiros. Alcança os dois, porque o amálgama é o amor à terra. E porque dizem que é melhor amante aquele que fez a opção de filiação do que o que não teve alternativas senão render-se

à fatalidade.

Tem apenas duas queixas urbanas recorrentes: a demolição do prédio onde nasceu Auta de Souza, com a inevitável queda do jasmineiro ao pé do qual a doce poeta cantou os seus versos; e o não ter comprado o casarão onde morou o seu avô e ele próprio, ainda menino.

E um reparo sómente: de um Prefeito que quis mudar o nome do conjunto habitacional que leva o nome do seu pai, num ato revanchista mesquinho e desmotivado. Fato já superado graças às transigências de parte a parte.

Aliás, o benemérito macaibense é mestre na arte da negociação, da conciliação e da transigência. Desde que não lhe pisem o calo de estimação – a sua dignidade pessoal, a sua honra, únicos patrimônios que amealhou vida inteira. Sem esse aceiro, o fogo se espalha e as brasas incendeiam o rastilho da porção Mesquita. Quem nem aquela provocação infantil interiorana dos cuspes simbólicos: t'aqui sua mãe e t'aqui a minha. Pisasse na mãe do outro...!

Mas as compensações são maiores que as desfeitas, e ele prefere pensar naquilo que cresce ao seu amor pela terra natal, desprezando o que o afasta, porque Valério tem a mesma estatura moral que a sua envergadura física e a mesma maturação dos cajus veraneados.

Disse, certa vez, que há um tipo de conhecimento que nos credencia a afirmar que somos os melhores do mundo: o nosso dialeto, a nossa aldeia. Ninguém no mundo nos supera nessa ciência. Por isso insisto tanto para que os meus filhos se dediquem à língua brasilica e à história, geografia e geopolítica do nosso país.

Louvido nesse raciocínio, eu posso assegurar que ninguém conhece mais Macaíba que Valério, e por isso ele é a maior autoridade do mundo na Macaibística. Não me cochichem Alecrim, Tavares, ou quem quer que se pretenda ser. O diferencial valeriano é o amor e a vivência. Pensem num amor que se realiza à distância, que preserva o amante dos inconvenientes do dia-a-dia. Amor assim pode eternizar-se, mas não é verdadeiro, não há irmanação. Acaba-se no primeiro mau cheiro. Ama-se mais o que se vê refletido no objeto amado, além das virtudes e das excelências, nunca o negativo que habita todas as coisas. O lado gauche e noir de ser de cada criatura humana.

Valério conhece e vê Macaíba pelo direito e pelo avesso. O aroma e a inhaca. As grandezas e as pequenezas. As graças e as desgraças. Os bons e os maus tempos. O progresso e a decadência. Vive Macaíba como quem vive o seu amor com mulher de virtudes e temperanças medianas, defeitos e deslizes também meãos. Sem alardes, sem ostentação, sem glamour, nem juras ao luar. Ali, no

corpo a corpo, no mano a mano, de pés descalços, suado, descabelado, comendo com as mãos os ossos da galinha roubada no sábado de aleluia. Com farofa da graxa dela mesmo.

Picado pelas mesmas muriçocas, alcançado pela falta d'água e de saneamento, sinal ruim da televisão, calor atroz na sessão do cinema desconfortável e sombrio, roupa lavada com anil e batida nas pedras do rio, gole de zinebra com umbucajá sentado num impoderável tamborete na casa de mulher-dama.

Ouvir as arrelias e arengas dos populares amigos. Dividir o pão, literalmente, e pagar o caldo de cana no mercado. Pelejar com os amigos da opa. Tirar os pequenos contraventores da cadeia. Ir à feira como cidadão comum, catando os versos dos repentistas e cantadores, experimentando a farinha e o picado, o fubá recém-pilado e a goma fresca para a tapioca e o grude.

Só quem vive esse cotidiano, em tempo real, pode dizer que conhece a sua aldeia, porque o tempo não pára, não estaciona nas memórias, nem nas lembranças fugazes. Há, sim, o tempo virtual das recordações. Esses momentos servem à individualidade, em fuga do inferno ou de retorno ao paraíso, ou ainda, ao intelecto à procura de um tema literário. Mas não marcam com fidelidade de



Escritor e advogado Valério Mesquita

origem, como digital ou pedigree, a fixação epidérmica do amante em relação à sua amada.

Olho Valério e apesar de enxergar nele o facies do pai, Alfredo Mesquita e de alguns outros espectros alheios ou de genéticas ancestralidades, consigo ver também, encorpado nele e ao seu redor, azinhavrado numa simpática algazarra, os “Zés” do seu chão: Zé da Bomba, Zé Jeep, Zé Caíco, Zé Mimoso, Zé Batata, Zé Deca, Zé Buchudo. que bem poderiam ser personagens de outro Zé, o Condé, de uma Caruaru por ele glorificada e imortalizada no “Pensão Riso da Noite”. Os boêmios e os “bocas do inferno”. gente simples, carne com osso e pelanca, no entanto iguarias de primeira, temperadas e cozidas no fogo brando do coração Valeriano.

Vejo nele um gentil-homem. um fidalgo caboclo, sertanejo na sua compreensão mais abrangente, saído do romance armorial de Ariano Suassuna: valente, decidido. decente. justiceiro e perdidamente compromissado com a sua terra.

Se pudesse fazer outra proposição aos ilustres macaibenses, os já encantados e por isso mesmo mais influentes ainda sobre a população descendente deles, seria para que se instituisse um Senado com jurisdição municipal e se criasse apenas um único cargo de Senador, vitalício, que só pudesse ser provido por Valério, extinguindo-se após sua morte.

Ou que Macaíba passasse a se chamar “Valeriana”, outra espécie vegetal (*valeriana officinalis*), também conhecida como erva-gato, recomendada para acalmar acessos de histerismos, espasmos, epilepsia, convulsões, neuralgias e dores de cabeça persistentes. Calmante para os nervos e estabilizante emocional.

No porte, a Macaibística acusaria um retraimento da cidade à condição de menor porção vegetal. depois de ter sido promovida de arbusto a árvore. Mas a sua redução teria muito mais valia, como já se verifica, correndo em sua defesa o dito popular assacado nas disputas de brigas de rua: o que passar de mim é podre, ou nos discursos de efeito: são os pequenos frascos que contêm as melhores essências. A terapêutica municipal traria inúmeras vantagens e compensações.

Sobretudo nas refregas e quase carnificinas do período eleitoral. Luta de canibais e de xipófagos. coisa para ser narrada por Homero, o grego. ou pelo americano Stephen King. Fratricídio, parricídio. Traições, infâmia, tresloucamentos.

Melhor, portanto, a convocação para o chá de valeriana.

**Leia e anuncie no jornal
O Rio Grande**

CATINGUEIRA - Leguminosa Cesalpinácea

Por Gerardo Sérgio

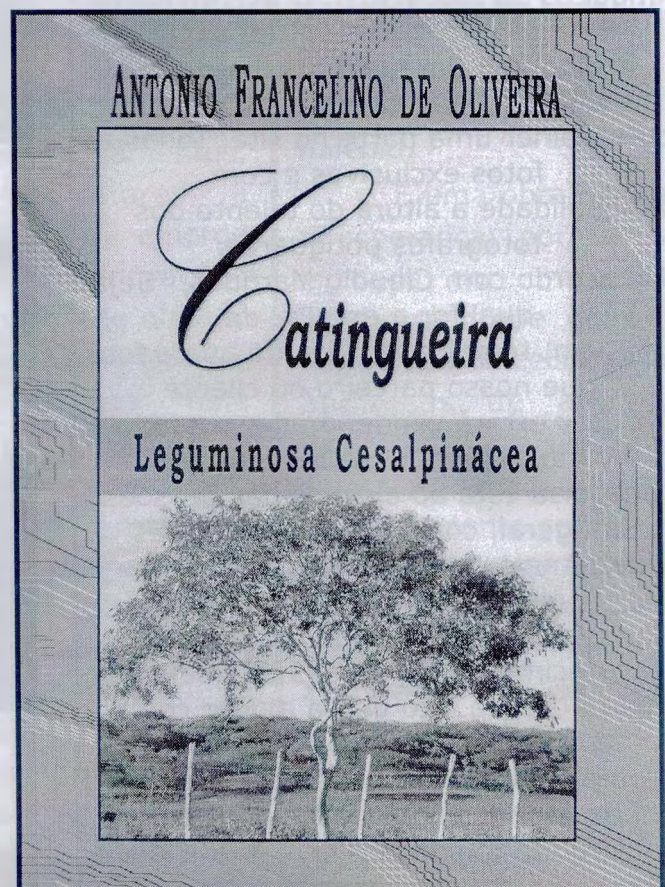
O autor nos brinda com mais uma obra literária a “Catingueira” e de mofo igual à primeira “O Catolé” o sugestivo título destaca essas duas plantas bem representativas de sua terra natal, uma representando a beleza singular das palmeiras e a outra o vigor. A obra está constituída de pequenos contos, histórias e depoimentos além de divagações sobre suas convicções. Assim, o autor navega entre fatos e acontecimentos que marcaram sua infância e adolescência, sua passagem pelo exercito durante a segunda guerra mundial, quando relata o clima de incerteza vivido na época. O autor também traz relatos sobre a região de Baturité que contribuirá para ampliar os registros históricos do maciço. Por fim expressa suas convicções sobre os mais variados aspectos da vida cotidiana fruto de sua experiência da vida acumulada ao longo de seus mais de noventa anos, além de demonstrar ser um homem de fé em Deus. Portanto esta coletânea de temas variados será bem apreciada por todos que gostam de ler e aprender mais um pouco.



Antonio Francelino de Oliveira - autor do livro «O Catolé»

Antonio Francelino de Oliveira, nasceu em Baturité no Estado do Ceará, bacharelou-se em Ciências Contábeis pela Academia Comercial - Pe. Champagnat.

Foi bancário, funcionário público e militar do Exército Brasileiro.



COMPORTA ASSESSORIA DE IMPRENSA

Por Adrovandro Claro

Oferece a imprensa nacional e ao público interessado textos e imagens sem nenhum custo, divulgando com exclusividade eventos de nossos parceiros. É o objetivo principal da assessoria de imprensa Comporta, selecionar temas que podem virar notícia, elaborar textos e fotos, diminuir a distância e o relacionamento com os jornalistas que estão nas redações e tornar útil as melhores ocasiões oportunas de exibição pública na mídia. São as principais missões desse trabalho junto a esses parceiros.

Um banco de imagem do Rio Grande do Norte

Com o crescimento do formato micro stock, uma série de bancos de imagens com fotos e preços acessíveis, os fotógrafos Adrovando Claro, Claudio Marques, Fernando Pereira e Renato Soares, resolveram entrar no ramo e experimentar esse novo mercado que cresce na internet. E o vasto tema regional e a oportunidade de utilizar fotografias únicas e totalmente originais do Rio Grande do Norte, fez esses fotógrafos reunirem seus arquivos com mais de 60.000 fotos e criar o banco de imagens da Pax Visual. O acervo inicial tem milhares de fotos disponíveis para uso imediato, é só solicitar uma consulta por email ou escolher uma parte no site. Todas as fotos exclusivas e com qualidade a altura do talento dos fotógrafos potiguares. De acordo com Claudio Marques, "Seja qual for a escolha de imagem, temos a certeza de que a foto que nosso parceiro ou cliente for usar estará vendendo o seu produto muito bem. Esse recurso de pesquisa esta ao alcance das pessoas em geral, como ainda de editores de jornais, revistas, livros e a mídia eletrônica, assim como a publicidade, design e o maior favorecimento de vendas de qualquer coisa onde a foto possa ajudar como meio de seduzir a compra, etc". E complementa que "esse é um acesso muito fácil a partir da internet, mostrando fotografias com a qualidade e o modo de ver do autor

potiguar, em qualquer parte do mundo".

Os fotógrafos da Pax Visual resolveram abolir suas galerias de fotos, simplesmente para mostrar imagens aos amigos e entrar num campo mais atraente onde a fotografia pode ter um retorno mais rentável.



foto: Fernando Pereira
Carnaval de rua



Foto: Adrovando Claro
Carnaval de rua

Caixa Postal 2708
Natal - RN - 59022 970

ASAS DA INSPIRAÇÃO, ASAS DA CRIAÇÃO

Por Jania Souza

(Escritora, Artista Plástica, Membro da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do RN - SPVA/RN)



Francisco de Paula Pinto
é advogado, poeta e escritor.

Asas para voar. Tornar-se alado como Mercúrio para deslizar no translúcido espaço mental. Assim, sem limites, poder mergulhar nos mistérios escondidos nas entrelinhas da vida, da própria história da civilização humana, na origem, no mundo inexpugnável do Eu. Sem procurar desvendar, questionar teses, conclusões, que não se tornaram constatações irrefutáveis. Enveredar pelo inexplicável infinito e seu Criador. Buscar respostas irrespondíveis, que atijam não apenas a curiosidade, mas a própria inquietude do poeta, que ao não se satisfazer em observar, busca sua lira para poetar dando asas à inspiração... Dando asas à criação, numa dourada exaltação, quando registra que mesmo no negrume dos dissabores e das tragédias humanas e cósmicas, sempre há uma luz a pincelar as cores do otimismo e da esperança na abóbada celeste dos sobreviventes.

Asas da Inspiração –
Asas da Criação materializa



em versos os questionamentos, os anseios, os valores, a admiração e tudo que emerge da mente e do coração; discorrendo liricamente quando o autor conversa com Charles Chaplin; homenageia Nísia Floresta; visita Atlântida e Lemúria; contata com extraterrestres na Amazônia; entristece com a despedida de uma criança; sonha, canta, ama e num Grito Sufocado, declara: "Eu canto a sua rebeldia, que se expressa na face ensangüentada do tempo."; ressurgindo na Estrela da Vida para assim, emocionar e brilhar em cada coração no terceiro

milênio.

É uma obra dedicada a esperança, por ter sido lapidada por um espírito aventureiro que enfrentou momentos difíceis nas suas andanças de andarilho inconformado a procura da sua Atlântida que aparentemente se aquietou durante a gestação do seu filho prodígio. Viu mundos diferentes e conflitantes, de abastados e excluídos. Advogou em searas diversas, contudo não perdeu sua fleuma e por isso presenteia-nos com sua doce e cativante sabedoria.

ASAS DA INSPIRAÇÃO, ASAS DA CRIAÇÃO.

Quero voar nas asas da inspiração,
Quero voar nas asas da criação.
Voar pelo infinito, voar pela imensidão.
Descobrir, conquistar, outros planetas, outras estrelas...
Na imensa vastidão.

Quero voar nas asas da inspiração,
Quero voar nas asas da criação.
Voar livre, para sentir a livre emoção.
Voar pelo espaço sideral,
Conhecer a grandeza do eterno,
Conhecer a sua majestosa criação.
Iluminado pela inteligência do Criador,
Penetrar nas entranhas dos mistérios,
E desvendar os segredos cósmicos.
Depois, voar, nas asas da criação

Francisco de Paula Pinto

ESTRELA DA VIDA

Há uma estrela no céu,
Há uma estrela no mar,
Há uma estrela na terra,
Que vive a me acompanhar.

Há uma estrela no peito,
Que alegra meu cantar,
Há uma estrela na vida
Que guia meu caminhar.

Há uma estrela a brilhar
Na minha imaginação,
Há uma estrela a iluminar
Trazendo-me inspiração.

Há uma estrela a girar
Na órbita do meu coração,
Há uma estrela a amar
Os poemas da criação.

Francisco de Paula Pinto

ATLÂNTIDA E LEMÚRIA.

Há na profundidade dos oceanos,
Segredos eternos de imponentes civilizações,
Esplendorosos palácios e suntuosos santuários.
Estão guardados como relíquias de faustas nações,
Onde a mente inquiridora do homem contemporâneo ainda, não
alcançou tanta grandiosidade.
Mesmo navegando pelos espaços infinitos e fulgurantes mares.
E lá no oceano Atlântico jaz à eterna Atlântida,
E no insondável Pacífico à Sagra Lemúria.
Com os seus fascinantes mistérios.
Na opulência dourada de seus tesouros
À marca da passagem dos séculos dos ardentes resplendores
Há milênios...
Tinha de belo os seus templos sagrados,
E a arte do conhecimento.
Do átomo, o domínio e técnica;
Da ciência, a sabedoria;
Do universo, o entendimento das leis superiores;
Da vida, o divino e humano e o segredo da criação.

Francisco de Paula Pinto

**A S A S D A
INSPIRAÇÃO, ASAS
DA CRIAÇÃO,** é um livro
de poemas que o autor
penetra através de seus
versos, o Universo
interior o "EU", o "EGO"
e conclama o ser
humano a descobrir e a
explorar as suas
potencialidades próprias
e usá-las, como meio de
alcançar na vida o amor,
o sucesso e a felicidade.

Três poemas do livro:
**Asas da Inspiração,
Asas da Criação**

Editora: DPI
(Designer - Publicidade - Informática)

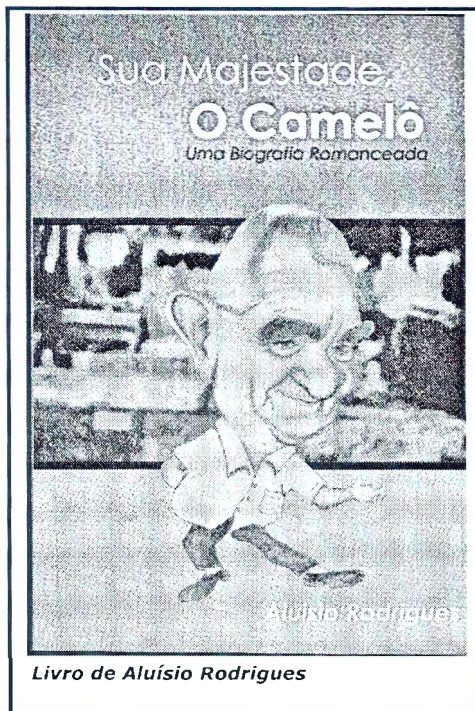
Vida de Camelô como Romance

Por Anchieta Fernandes

A diferença primordial entre o gênero **romance** e o gênero **biografia romanceada** é que o primeiro, embora podendo enxertar determinado contexto real narra fatos da inteira imaginação do escritor; enquanto que o segundo narra fatos da realidade, embora não isenta esta narrativa de adornos colocados pela imaginação do escritor. No primeiro caso, um bom exemplo de criatividade é o romance "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. No segundo caso, poderia lembrar a biografia "As Mil Vidas de Leopoldo Fróes", de R. Magalhães Júnior. Ou melhor: poderia lembrar este livro, biografia romanceada onde o escritor e ex-juiz do Trabalho Aluísio Rodrigues narra a vida do irmão Júlio Rodrigues, um camelô, de vida tão inquieta, tão rica e diversificada quanto a do ator biografado por R. Magalhães Júnior.

Aliás, é bom observar que, embora a estória/história leve a uma organização sequenciada da vida do camelô em momentos-chaves (o nascimento casual da vida de camelô, viagem ao Norte, mudança da venda de mel de abelha para venda de óleo de baleia, o casamento, a aposentadoria, o título simbólico de Comendador, dado pelos amigos e

colegas), o processo de alinhavar os episódios desta vida, embora se submetendo ao modelo dos capítulos, termina por ser aleatório, sem uma sequência precisa dentro da cronologia real suposta. Assim, sob um certo ângulo, é uma **obra aberta**, no sentido da expressão criada pelo ensaísta de vanguarda italiano Umberto Eco, segundo o qual a obra é aberta "como proposição de um campo de possibilidades interpretativas, de maneira a



Livro de Aluísio Rodrigues

induzir o fruidor a uma série de 'leituras' sempre variáveis"; o leitor do livro de Aluísio lê várias possibilidades, pode montar seu próprio mosaico de fragmentos de vida em uma ordem que ele próprio escolher.

Mesmo porque o texto desenvolve uma sucessão gramatical de 3º grau ao infinito: o autor narra no livro a vida do personagem real Julinho (ou Seu Júlio), que por sua vez narra na narração outras

estórias, vividas por outros personagens inventados por ele, ou já inscritos na tradição regional. Se o personagem biografado contou todas estas estórias em seu ato de praticar sua profissão de vendedor público, ou não (nesta última hipótese, as estórias paralelas são mais um dos recursos do Aluísio escritor buscando canais para sua fertilidade imaginativa), o fato é que estes fragmentos narracionais são os actantes da mobilização do motivo funcional: distrair a platéia com um discurso que prende a atenção, exibindo concomitantemente o objeto de venda.

Este é o foco principal da vida de um camelô quando traduzida em forma literária, em forma escolhida no contexto do gênero **romance**. Só que Julinho é um camelô um pouquinho abaixo do normal no seu comportamento em sociedade: deserta do Exército, namora com uma menor de idade, faz tramóias para enganar os outros. Mas, sendo também uma inteligência acima do normal, "cria" conhecimentos e explicações como resposta aos que, na multidão dos seus clientes pretendem pega-lo no pé e desmascará-lo, apontando-lhe erros de exegese. Mas, como Aluísio mostrou no livro, a vida do seu personagem é uma alternativa de sucessos e insucessos. Assim, se ele

acerta ao dizer o nome científico das pequenas lombrigas (v. capítulo trinta e um), erra ao confundir a anaconda - réptil dos rios e pântanos do Brasil -, com a naja - cobra asiática e africana - chamando ambas de "irmãs asiáticas", no capítulo quarenta e nove. Estas alternativas de vida são a raiz das próprias alternativas cronológicas que Aluísio monta no seu livro, alternativas estas onde não interessa muito a dependência de um fato de fato anterior, e sim, podendo-se verificar fatos que dependem não do anterior e, sim, de outro, posterior.

Vista a sintaxe do livro, veja-se a sua semântica. Os idiomas estão aí. São usados por todos os habitantes de um contexto cultural. A gente simples de Portugal, Brasil e de alguns outros países fala basicamente o idioma português. Assim como o povo da Inglaterra, Estados Unidos e etc. fala basicamente o inglês. Fala de acordo com o aprendizado adquirido automaticamente na convivência em sociedade. Fala mas sem a noção científica de que está mobilizando conotação ou denotação do universo lingüístico. Mas o escritor criativo (um exemplo é o Guimarães Rosa do romance já referido - "Grande Sertão: Veredas"), quando escreve seus textos sabe que está trabalhando palavras, componentes semânticas do idioma passíveis de reinvenção; pois o efeito estético da máquina de comunicação que é a Literatura, encontra possibilidades novas de

denotar (sinalizar foneticamente) a conotação (o sentido subjacente às palavras), às vezes até superando a convenção estabelecida sobre os significados, ressignificando os sons para a forma de escreve-los. No caso do narrador, é como disse o semanticista russo Tzvetan Todorov: "... não são os acontecimentos relatados que contam mas a maneira pela qual o narrador nos faz conhecê-los."

No caso do escritor-narrador Aluísio Rodrigues, ele não traz quase nada de novo do ponto de vista semântico. Faça-se, contudo, a ressalva: ele não é propriamente um **inventor**; mas também não é um **diluidor**; é um **mestre** (usando aqui a classificação dada por Ezra Pound aos artistas). Ou seja, ele não cria um novo universo semântico; mas usa com sabedoria o universo semântico à sua disposição; não o dilui e não repete modelos frágeis e inexpressivos do discurso literário. Pode-se apontar o que o autor do presente livro trouxe, ao usar as unidades físicas (as palavras) da enunciação do texto que opera a narrativa, para fixar os ritos da profissão de camelô, revelando neles a circulação de uma determinada gíria, feita de vocábulos que somente os profissionais do ramo entendem. Esta gíria, estes vocábulos constituindo o que o professor de lingüística catarinense Paulino Vandresen chamou "dialetos sociais", que não estão contidos no que a norma culta da língua estabeleceu.

Pode-se mencionar também a presença de metáforas, que funcionam quase como chistes, adaptados assim à personalidade de Julinho Rodrigues, descompromissado com uma ética imposta, insubmisso à

autoridade. Como, por exemplo, no capítulo quarenta e dois, quando o escritor narra o encontro dos camelôs com o guarda municipal, e compara: "se uma fotografia vale por mil palavras, o balançar daquele cassetete valia por um dicionário." É, então, ao mesmo tempo, o medo da arbitrariedade, e a consciência humorística e humana sabendo que a lógica podia rejeitar aquele símbolo de repressão, embora aparentando admiti-lo como aferidor da obediência coletiva, sem precisão de interjeições que viessem confirmar o simbolismo do objeto.

Leitores e leitoras: façam a viagem com o camelô Julinho Rodrigues Brasil afora. Participem de suas aventuras e vejam suas trampolinagens (sem aderir a estas últimas). Escutem os seus "causos" (atente-se para o jogo de palavras interessante: "eis o caso, no caso, o caso", onde é empregada a deturpação popular da palavra "caso", enxertando um "u" para efeito empolgativo) e as belas canções do nosso cancionário popular, que ele sabe de cor e salteado... Vocês não se arrependerão, mesmo que alguns de vocês sejam os internautas, à espera ansiosa das promessas em aberto nas telas dos micros caseiros, onde as línguas universais (o esperanto, o volapuque, a interlíngua) são substituídas pela língua pontocom do ciberespaço, comunicando de blog para blog, ou de e-mail para e-mail os monemas redutores vg. Arq. Sv. Paint. Xp etc.



Loja 01

Rua Princesa Isabel, 583 - Centro
Fone: (84) 3611-2320 - Natal - RN

Loja 02

Av. Rio Branco, 596 - Centro
Fone: (84) 3201-4635 - Natal - RN

Loja 03

Rua João Pessoa, 231 - Centro
Fone: (84) 3212-2723 - Natal - RN

Causas: Cíveis, Criminais
Trabalhistas e Previdenciárias



Tel: (84)
9968-1353 / 3221-3035

Francisco de Paula Pinto
Advogado OAB/RN 1344

Rua João Pessoa, 198/Ed. Canapú / Sala 206/ Centro
Natal/RN CEP: 59025-500 e-mail: franciscodapsulapinto@yahoo.com.br

SEBO POTIGUAR

COMPRAMOS - VENDEMOS - TROCAMOS:
CD'S | DVD'S | LIVROS DIDÁTICOS | REVISTAS | VINIS

(84) 3082-4358 | 9423-5125

www.sebopotiguar.estantevirtual.com.br

Matriz: Rua Vigário Bartolomeu, 571 Sala 15, Centro Eldorado
Filial: Av. Rio Branco, 784 - Cidade Alta - Natal / RN
(Entre o Sindicato dos Professores e a Central do Cidadão)

LEIA E ANUNCIE NO JORNAL:



carlosastral@hotmail.com



RUA PADRE GERMANO Nº 135 - NOVA DESCOBERTA
www.seboamorim.estantevirtual.com.br

Fone: (84) 3206-2790



Agora com Nova Loja na
Rua Amâncio Ramalho, 1103
Lagoa Nova - Natal - RN

Temos Também livros
didáticos para a volta as aulas.

Livro é bom até depois de usado.

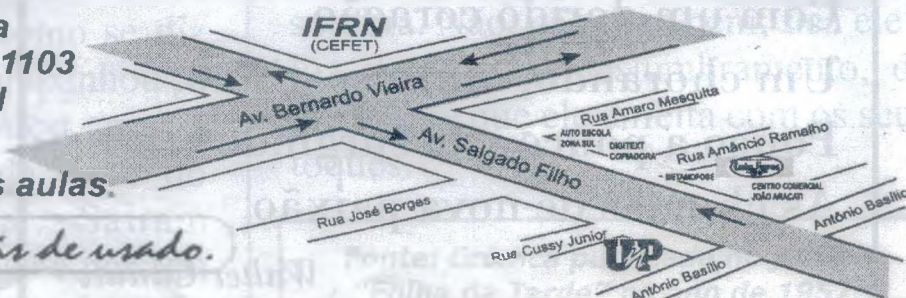
COMPRA, VENDE e TROCA LIVROS, REVISTAS, CD's, DVD's, VINIL e ARTES

Estamos também nos endereços:

AV. XAVIER DA SILVEIRA, 67-A - MORRO BRANCO
MERCADO MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS - BOX 8B

(84) 9625.1377 / 8869.5699 / 3201.9087

sebocatalivro@yahoo.com.br / www.sebocatalivro.blogspot.com



A LÁGRIMA E O SORRISO

(Inédito)

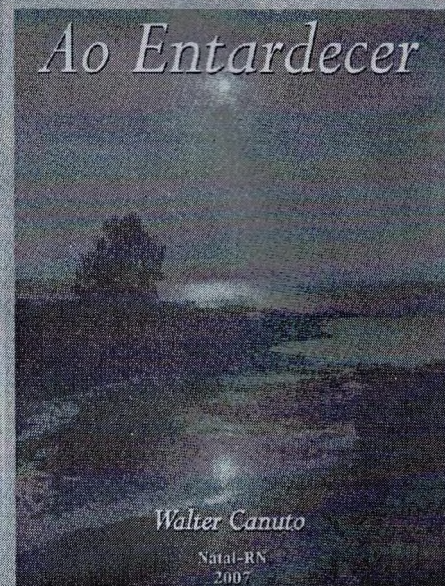
A lágrima e o sorriso são parentes
Afins, mas, diferentes
Como a natureza os fez
Assim, tamanha afinidade
Se confunde com a verdade
Dos seus destinos, talvez.

A lágrima é a mágoa que aflora
No coração que hoje chora
Um grande amor que perdeu
O sorriso é a esperança
Que trás de volta a lembrança
Daquele amor que morreu.

A lágrima é um bálsamo sublime
Do sentimento que exprime
As ânsias de uma grande dor
Se o sorriso, um beija espalma
Cura as feridas da alma
E faz nascer um novo amor.

A lágrima e o sorriso, com efeito,
Quando se encontram no peito,
Com um dorido coração
Um chorando, outro sorrindo,
Pouco a pouco vão surgindo
As chamadas de nova paixão

Walter Canuto
(Poeta)



Walter Canuto

Natal-RN
2007

Livro

“Ao Entardecer”

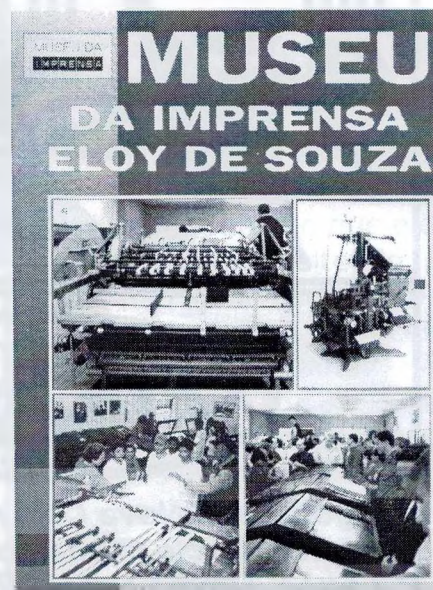
de Walter Canuto

Natal - RN - 2007

editora, gráfica e livraria

MANIBU - FJA

Visite o



Entrada grátis

Universidades, faculdades e
escolas públicas/privadas
podem agendar visita

através do fone: (84) 3232-6864

Av. Câmara Cascudo, 355 - Ribeira-Natal-RN

GENARO

Por Newton Navarro



Genaro Lucas – assim o chamava carinhosamente o poeta Newton Navarro

Como houvesse um começo de lua, meu amigo Genaro apareceu lá em casa, e veio buscar a Moacir e a mim, para irmos ouvir violão. E violão nas mãos de Genaro é coisa fina, como se diz por aí... Conceição acompanhou a caravana, e com pouco mais, estávamos no terreiro da casa do amigo ouvindo-o tocar. Saíram choros, batuques, valsinhas e por fim composições mais ousadas de

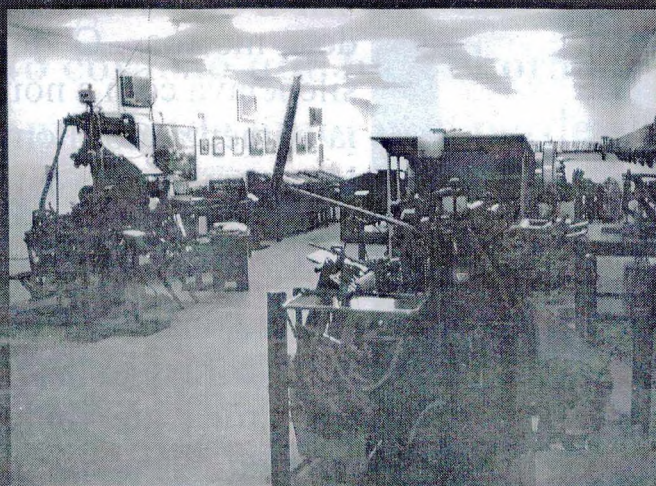
Mestres, em arranjos admiráveis do nosso amigo. Desfilavam Tarrega, Mozart, e um começo de arranjo da própria Sonata ao Luar. Ao longe o mar repetia baixinho, na maré seca, suas cantigas de sempre. Cheiavam os cajueiros deitados no lençol branco dos morros. O arruado silenciava com a noite que ia aumentando. Pontos de luz por entre a mata. Uma voz de mulher mais longe, cantando ternuras... Genaro fazia mais bela a noite com seus acordes e sugestões de beleza e ternura.

Um jovem artista a quem a cidade não quis ainda dedicar-lhe a atenção que tão devidamente merece. Enquanto se louvaminha bastardões e eunucos da arte, meros tocadores de birimbau, improvisados em Mestres e donos da Música da cidade, um moço, autêntico virtuose do violão, com composições admiráveis, fica na sombra. Não, não digo bem; fica ele à luz da lua, no deslumbramento, de uma noite que ele enfeita com os seus toques.

Fonte: Crônica publicada no jornal "Folha da Tarde" no ano de 1957

Museu da Imprensa Oficial «Eloy de Souza»

O resgate da História da imprensa do Rio Grande do Norte através do jornal A República



Rua Juvino Barreto - Ribeira - Natal - RN
prédio do antigo jornal A República
Contato pelos fones (84) 3232 6793
e 3232 6864

Aberto ao público
de segunda a sexta-feira
das 8h às 17h.